

A EXCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS-MUDOS NO AMBIENTE ESCOLAR BRASILEIRO

Alícia Cristina Santos de OLIVEIRA ¹

Andressa Silva de LIMA ¹

Abílio da Silva FERREIRA ²

Marcos Antônio Luz SURICA ³

¹ Graduandas do curso de Licenciatura em Química, Uneal; ² Professor/Preceptor de Química da Escola de educação Básica Djanira Santos Silva; ³ Professor/Orientador do curso de Licenciatura em Química, Uneal.
andressalimaquimica@gmail.com

RESUMO: As dificuldades na inclusão dos alunos que possuem deficiência auditiva crescem consideravelmente no Brasil, a falta de estrutura nas escolas impossibilita uma qualidade de ensino e recepção desses alunos, o que gera um atraso de conhecimento e uma exclusão desses indivíduos que não passam de vítimas de um sistema falho. Existem projetos de leis que obrigam as escolas públicas oferecerem intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) em salas, porém o descaso e falta do cumprimento de leis acabam deixando a desejar e a escola fica a mercê da situação, tendo que se virar para tentar incluir o aluno as suas limitações de rede pública. Então esse artigo tem por objetivo detectar os problemas que causam a exclusão de uma aluna surda-muda na sala de aula do segundo ano, do Ensino Médio, da Escola Estadual Djanira Santos Silva, situada no município de Palmeira dos Índios, para que possamos planejar habilidades e métodos para solucionar a falta de comunicação, desenvolver a conscientização da inclusão dos surdos-mudos e incentivar professores e funcionários a buscarem o aprimoramento do conhecimento em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

A inclusão parte de mudanças de atitude, do sistema e principalmente da sociedade, para isso desenvolvemos algumas rotinas diárias voltadas à linguagem em LIBRAS e chegamos a algumas conclusões positivas.

Palavras-chave: LIBRAS. Inclusão. Educação.

INTRODUÇÃO

A precariedade na inclusão social de alunos deficientes auditivos é cada vez mais explícita, uma vez que uma pequena parcela de escolas da rede pública possuem estrutura e recursos suficientes para acolher alunos com qualquer deficiência, seja motora, psicológica ou auditiva. Essa falta de socialização com esses alunos deficientes acaba fazendo com que não consigam acompanhar o ritmo da escola e de suas atividades extras, resultando em mais deficientes “incluídos” forçadamente em uma sociedade totalmente despreparada para recebê-los. Justamente por esse tipo de exclusão poderá acarretar na evasão escolar, onde o aluno se sentirá deslocado, pois dificilmente alguém demonstrará qualquer tipo de interação

Segundo Lacerda (1998, p. 71), enfatiza que “Para De L’Epée, a linguagem de sinais é concebida como a língua natural dos surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação”. E ainda segundo Bouvet (1990), os surdos têm acesso a “[...] uma linguagem que permite uma comunicação eficiente e completa como aquela desenvolvida pelos sujeitos ouvintes.” (BOUVET, 1990 apud LACERDA, 1998, p. 76).

Com o cumprimento das leis, os alunos com deficiências auditivas teriam uma maior adaptação e qualidade de ensino, visto que a interação com seus colegas e professores seria diária, além de conseguirem se identificar e aprender a língua brasileira de sinais onde poderão levar para suas vidas, portanto é essencial que principalmente os pais que tenham filhos com problemas auditivos exijam os direitos que beneficiam os alunos a terem uma vida escolar comum e igualitários aos não portadores de deficiências.

Nosso principal objetivo é detectar os problemas que causam a exclusão para que possamos planejar habilidades e métodos para solucionar a falta de comunicação, conscientização da inclusão dos surdos-mudos e incentivar professores e funcionários a buscarem o aprimoramento do conhecimento em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

MATERIAIS E MÉTODO

Ao decidirmos falar sobre os problemas que o Brasil enfrenta sobre a inclusão dos alunos deficientes auditivos acabamos gerando grandes debates de como resolver esse desafio, pois o maior problema é a falta de comunicação com eles, o que resulta em um problema para o aprendizado desses estudantes e a aplicação de metodologias e contextualizações que os professores usam nos dias de hoje, portanto nós futuros profissionais da educação devemos nos adaptar e melhorar nossa metodologia a fim de desenvolver projetos e habilidades onde incluam alunos com deficiência auditiva ou surdos-mudos, porém devemos lembrar que essa “inclusão” se tornou precisa pois o próprio homem decidiu excluir pessoas com deficiências, sejam elas auditivas ou locomotivas.

Com o descaso do governo em exigir que se cumpra o Projeto de Lei 1690/15, onde fala sobre a obrigatoriedade das escolas terem um tradutor e

intérprete de LIBRAS nas salas de aulas de níveis básicos e superiores, complementando e exigindo da Lei 9.394/96 (Leis das diretrizes e bases da educação nacional) a aplicação dela, porém a realidade é totalmente outra, dificilmente encontramos alguma instituição pública que cumpra e tenha um profissional da área disponível para auxiliar alunos e professores nas escolas e com o comodismo e falta de cobrança da população é quase impossível conseguir algum, pois a direção acaba se envolvendo em uma enorme burocracia de pedidos e licitações, ou seja, nunca vão conseguir.

O aluno surdo-mudo é capaz de conseguir acompanhar os demais colegas, desde que a instituição lhe proporcione auxílio e reforços, pois sabemos que a dificuldade de comunicação e interação com alunos e professores resulta em pouca ou até mesmo nenhuma socialização, sendo assim é de extrema importância a intervenção pedagógica. Não podemos jogar uma criança surda-muda em uma escola que não lhe dá assistência alguma, pois ela não irá desenvolver sua própria linguagem (LIBRAS), isso só resultará em mais aluno deficiente sendo “inserido” a força em um ambiente totalmente inapropriado e despreparado para tê-lo.

Segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são 10 milhões de pessoas surdas. Isso equivale a 5% da população brasileira. Desses, 2,7 milhões são surdos profundos, ou seja, não escutam e isso acaba findando na evasão escolar dos alunos incluídos nesta pesquisa. De acordo com Martinha Clarete Dutra, ex-diretora de políticas de educação especial do Ministério da Educação, é preciso investir em formação de professores e intérpretes a fim de mudar a cultura das escolas que estão acostumadas ao atendimento padronizado e comum com os alunos deficientes. Sabe-se que, surdo é o sujeito com perda auditiva, é necessário que saibamos também o que é LIBRAS. A LIBRAS é língua brasileira de sinais utilizada para comunicação com o surdo, sendo esta vista como língua materna do mesmo. De acordo com Fernandes

“A Libras é a sigla utilizada para designar a língua brasileira de sinais, já que cada país tem sua própria língua, que expressa os elementos culturais daquela comunidade de surdos. É utilizado pela comunidade surdas brasileiras, principalmente dos centros urbanos pois muitas vezes os surdos que vivem em localidades distintas e em zonas rurais acabam por desconhecê-la e, assim, acabam por desenvolver um sistema gestual próprio de comunicação, restrito às situações e as vivências cotidianas. Há, também, alguns surdos que vivem nas grandes cidades que desconhecem a língua de sinais por inúmeros fatores ou não aceitação pela família, a falta de contato com outros surdos que utilizam a opção tecnológica da escola em que foi educado entre outros aspectos”(FERNANDES, 2011,p.82)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Crianças e adolescentes com problemas auditivos têm tanta facilidade em se comunicar e interagir com o mundo ao redor quanto um que não tenha a mesma deficiência, porém quase cem por cento de todos os jogos, métodos de ensino e/ou aprendizagem estão ligados a linguagem verbal, o que resulta em uma certa exclusão, visto que o interesse apenas da fala cria uma barreira entre o adolescente com os demais colegas.

A inclusão parte de mudanças de atitude, do sistema e principalmente da sociedade. Sabemos que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a forma de comunicação primordial para haver a interação social com pessoas com dificuldades auditivas, mas para que ocorra é necessário a interação, participação e conscientização de todos, exatamente de todos. Sabemos que a linguagem não é fácil para aprender e exige muita dedicação e empenho.

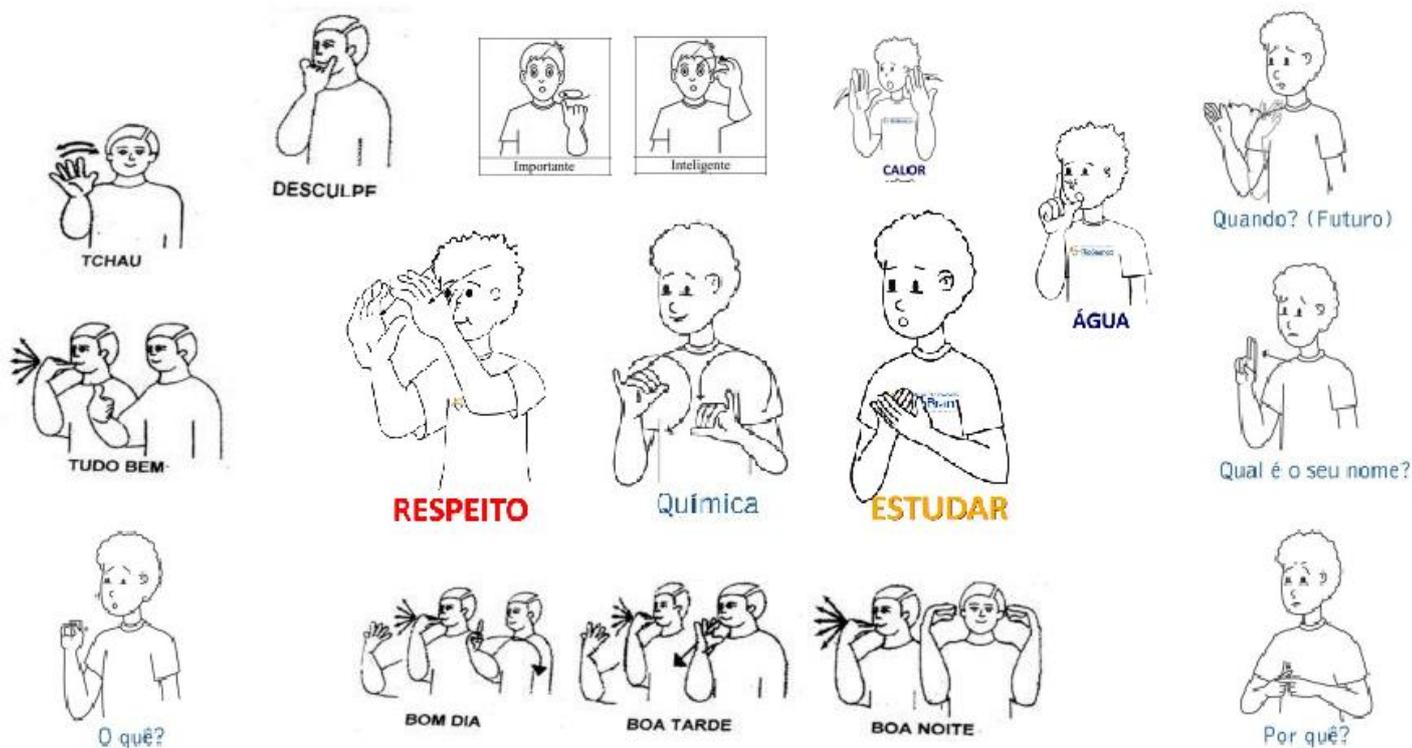
Ouvimos alguns relatos de professores que lecionam na turma da aluna Thaís e alguns já tentaram fazer cursinho ou aprender usando a internet, mas pela dificuldade da língua, por exigir dedicação e tempo, desistiram. Porém, estes deveriam ser os responsáveis por mediar e encorajar a construção do saber do aluno Surdo, através de uma interação com esses alunos. Mas, mesmo assim alguns professores seguem ministrando suas aulas de forma tradicional, ou seja, não propiciam uma mudança metodológica a fim de atingir as necessidades dos alunos Surdos-mudos.

As dificuldades para realizar atividades em um caso como esse é enorme, já que a falha maior vem dos descumbrimentos das leis brasileiras, e vem atingindo e dificultado os mais simples planejamentos. Algo difícil de aceitar é a falta de investimentos por parte do governo em capacitações e cursos para os professores que lidam com essas situações nas salas de aulas, já que os intérpretes não são enviados.

Ao atuarmos na Escola Estadual Djanira Santos Silva nosso primeiro objetivo principal foi identificar e conhecer o cotidiano da aluna alvo Thaís Fernanda Cerqueira da Silva, uma aluna da segunda série do ensino médio, que possui problemas auditivos, logo em nosso primeiro dia de observação pudemos perceber que os demais colegas de classe não interagem com ela, formando “grupinhos” na sala, ela é a única que fica sozinha em seu lugar, portanto a partir desse primeiro diagnóstico sobre a realidade da aluna, conseguimos elaborar uma rotina que fizesse com que as aulas de química ficassem mais interessantes para o aprendizado dela, não por “ministrarmos a aula em LIBRAS”, mas por mostrarmos interesse em incentivar a interação dela com os alunos, portanto começamos a pedir que os alunos pesquisassem palavras simples, tais como: Bom dia, boa tarde, tudo bem, Quer ajuda? etc”. Assim a aluna Thaís se sentiria mais acolhida e saber que faz parte de uma turma que se preocupa em se comunicar com ela.

Todos os alunos se mostraram bastante participativos ao fazerem pesquisas e demonstrarem o que aprenderam uns aos outros, portanto fizemos com que pegassem o costume em se cumprimentarem diariamente para absorverem e manterem o costume de interação com a aluna. Com o passar

dos dias e essa participação aumentando, foi notável que os resultados já estavam chegando, a Thaís ficou mais participativa nas aulas e deixou de sentar-se sozinha afastada dos demais alunos.



Cartilha utilizada para treino em sala de aula.

Na maioria das aulas tentamos elaborar metodologias que possam facilitar o entendimento do conteúdo através de aulas expositivas utilizando aparelhos refletores, assim os assuntos são trabalhados não só em conteúdo oral, mas também no visual, o que melhorou o raciocínio de imaginar como determinadas reações acontecem, outro fator que teve uma mudança significativa foi da interação dos alunos com as aulas, pois tentamos levá-los a resolver equações e explicar determinados conteúdos para uma melhor fixação.

Ao percebermos que a deficiência auditiva não é uma barreira que impede o indivíduo de levar uma vida normal, aprender, se relacionar e interagir com o mundo ao redor, iremos adotar novas formas de enxergar essas pessoas, iremos parar de ter “pena” e tratá-los como seres anormais começando a agir de forma igualitária, sem termos que fazer uma inclusão forçada de um deficiente surdo-mudo em uma sociedade que não se prepara para recebê-lo como um dos seus. De acordo com Susan Gregory, em uma pesquisa sobre crianças surdas com a família publicada em seu livro "*Deaf Children and their families*" ela explica que o nível de estresse e frustração de uma criança surda é o dobro de uma ouvinte, pois em decorrência das falhas de compreensão dos outros indivíduos sobre suas vontades acabam afetando sua saúde mental, portanto é necessário o interesse na comunicação através dos sinais.

Com o passar dos anos o Brasil tem evoluído na criação de leis que favorecem e melhoram a qualidade de vida dos alunos que possuem a deficiência auditiva, mesmo que a realidade seja algo distante do que está no papel, a luta por esses direitos têm crescido ao longo do tempo, portanto devemos parar de incluir forçadamente pessoas que não precisam ser incluídas, mas sim passarmos a enxergarmos-nos como um todo.

CONCLUSÕES

A educação de surdos-mudos ainda é algo a ser muito discutido e levado a sério. É inegável a importância da utilização de metodologias adequadas em sala de aula que beneficiem os alunos Surdos que estão inclusos, sendo o professor responsável por incentivar e mediar a construção do conhecimento através da interação com o aluno Surdo e seus colegas (LACERDA, 2006). Com o objetivo de melhorar a aprendizagem e a comunicação social da aluna Thaís Fernanda, desenvolvemos algumas rotinas diárias voltadas a linguagem em LIBRAS e chegamos a algumas conclusões.

Podemos concluir que através dessa rotina conseguimos uma melhor interação entre os alunos, a comunicação com a aluna surda-muda ficou melhor e seus colegas de turma começaram a lhe incluir nas atividades e trabalhos realizados. Notamos que a exclusão parte principalmente pela falta de diálogo, pela falta de conhecimento pela língua LIBRAS, mas que ao dominar pequenas frases, saudações ou palavras, notamos a interação nitidamente entre os envolvidos. O Comprometimento de todos ajudou para termos um bom resultado, já que houve empenho dos alunos em aprender as rotinas diárias. Vimos que alguns dos alunos também notavam e sentiam com a exclusão, mas que se alegraram muito ao aprender pelo menos o básico para comunicar-se com a Thaís.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, C. B. F. A Inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno Cedes, Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622006000200004&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 29 de Julho de 2019.

LACERDA, C. B. F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Cad. CEDES [online]. vol. 26, n.69, 2006, p. 163-184.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos/Sueli Fernandes** – 2 ed. Atual.- Curitiba i.b pex, 2011.

GREGORY, Susan. **Deaf Children and their families**. 1976. s. Cambridge: Cambridge University Press.

BRASIL, Presidência da Republica. **Lei de Libras. Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. HTTP// WWW.planalto .gov.br/cuvi.03/leis/2002. acesso em: 01 de Agosto de 2019.

SOUSA, Danielle Vanessa Costa. **Aquisição da língua de sinais por alunos surdos: ponto de contribuição e relevância na atuação do intérprete de língua de sinais**. 2011. Revista virtual de cultura surda e diversidade. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/livrodigital/detalhes/39> Acesso em: 02 de Agosto de 2019.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por nos dar saúde e força para superar as dificuldades, sendo a base para nossas conquistas.

Agradecemos a todos aqueles que de alguma forma ajudaram direto ou indiretamente o desenvolvimento deste trabalho.

Agradecemos também a Universidade Estadual de Alagoas- UNEAL campus III, com a qual estabelece vínculos com a Escola Estadual Djanira Santos Silva, onde desenvolvemos nossa pesquisa.